

O DISCURSO MUDIÁTICO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA (DC): UM GÊNERO DO FAZER-SABER

Prof.^a Ms Juliana Alles de Camargo de SOUZA (Universidade do Vale do Rio dos Sinos)

Prof.^a Dr.^a Maria Eduarda GIERING (Universidade do Vale do Rio dos Sinos)

ABSTRACT: *This article presents the choices of informative units called Comment and Evaluation like prototypics in the textual types Scientific Divulgate Article and Opinion Authoral Article respectively. It is shown by the link of these options with the discursive goals of make-know and make-believe, characteristics in each textual types analysed.*

KEYWORDS: *Comment; Evaluation; informative units; make-believe; make-know.*

0. Introdução: O projeto O.R.T.D.C. (Organização Retórica de Textos de Divulgação Científica), desenvolvido na UNISINOS, sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Maria Eduarda Giering, apresenta, desde já, descobertas relevantes no que se refere à investigação sobre como se organiza o texto de divulgação científica. Ao se observarem as estratégias da elaboração do artigo de divulgação científica (DC), a influência midiática faz-se presente. Sua composição com vistas à divulgação revela-se diferente da estruturação do artigo científico, no qual um produtor apresenta a pesquisa a seus pares.

Nessa perspectiva, o projeto citado dá os sinais de sua relevância, à medida que focaliza o texto que veicula a divulgação das atividades científicas por meio da mídia, ressaltando – na tarefa encaminhada até agora – recorrências marcantes na sua estratégia de organização.

A investigação adota a noção de texto como estratégia (Bernárdez, 1995) que, com a *RST* (*Rhetorical Structure Theory*) (Mann; Thompson, 1992), identifica a concepção do texto como uma organização configurada a partir de escolhas entre três vias de continuidade (Apresentativa, Hipotática e Paratática), etiquetadas com relações da *RST*. Essa teoria oferece um modelo cognitivo de análise que focaliza as opções de continuidade que permitem ao produtor (P) escolhas para a composição estratégica de seu texto. A perspectiva adotada prevê segmentos macroestruturais de texto organizados em relações núcleo-satélite (N-S) que, na hipótese inicial de trabalho do projeto, podem ser prototípicas, dependendo do tipo textual, do macroato do texto, do fim discursivo, dentre outras possíveis variáveis. As relações inscritas na legenda de estudo incluem: Antítese, Capacitação, Concessão, Evidência, Fundo, Justificativa, Motivação, Preparação, Reformulação, Resumo, na via Apresentativa, que visa a assegurar a compreensão, aceitação ou orientação do leitor do texto; Alternativa, Avaliação, Causalidade, Circunstância, Comentário, Condição, Elaboração, Interpretação, Método, Propósito, Solução, na via Hipotática, que realiza enlances semânticos de partes textuais e conduz a reelaborações e ampliações de conteúdo; Contraste, Lista, Reformulação Multinuclear, Seqüência, União, na via Paratática, que envolve ligações semânticas de partes de texto, sem desenvolver informações novas ou conteúdos anteriores.

Nesta primeira etapa do projeto, a análise de artigos de divulgação científica (DC) efetua o levantamento da ocorrência de vias e de relações nos textos coletados e quantifica os resultados por meio de tabelas e gráficos. Tendo em vista que alguns dados já apontam para a presença recorrente de determinadas relações como escolhas do produtor desse tipo textual, destaca-se a unidade informativa de Comentário, que aparece como opção frequente de P frente à tarefa de informar o leitor (L) sobre as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas nas diversas áreas do conhecimento humano.

É nessa direção que se determinam os objetivos da análise aqui apresentada, visto que as opções de continuidade do texto revelam regularidades e características indicativas do tipo textual em questão, à luz do aporte teórico que fundamenta as análises dos textos. Portanto, a pergunta essencial que aqui se faz é: em que medida a escolha de determinadas unidades informativas refletem uma configuração prototípica do artigo de divulgação científica (DC)?

1. O gênero divulgação de discurso científico (DC): O caráter de disseminação do conhecimento caracteriza a função do artigo de divulgação científica, pois esse é o gênero que integra a ação de alfabetização científica, sempre urgente e necessária nas sociedades que têm a pretensão do desenvolvimento da cidadania, mediante a busca da interação entre a sociedade e a ciência.

Nessa orientação dos estudos, considera-se que as épocas da história humana e que “cada momento histórico-cultural privilegia algumas formas expressivas” (Brandão, 1999:43). Assim, a emergência desse tipo textual midiático, cujo fim maior é divulgar pesquisas realizadas nas diversas áreas da ciência, vem contribuir para a disseminação da ciência na vida cotidiana contemporânea.

Identifica-se, portanto, a ciência e a tecnologia no âmbito das construções da humanidade (Lopes; Dulac, 1999:40) e atreladas ao cotidiano das pessoas. Há, por conseguinte, necessidade de formar leitores

capazes de compreender a linguagem da ciência e de estabelecer, por meio desta, uma relação entre as práticas cotidianas (desde o uso de um dado medicamento, da conservação de ecossistemas, até o conhecimento de espécies vegetais ou animais e seus comportamentos, que vivem numa dada região, por exemplo).

Os gêneros textuais possuem marcas de especificidades de suas esferas sociais já que – originados na *práxis* humana – os textos revelam as condições específicas da constituição do seu conteúdo temático. Os textos, portanto, são objetos que têm uma determinada função, em dadas condições, singulares numa dada esfera de comunicação. Nos domínios do midiático, o artigo de divulgação científica adquire uma organização própria, fato que a metodologia empregada na análise dos textos no projeto O.R.T.D.C. já tem demonstrado nos estudos realizados até agora.

Assim, o tipo de texto focalizado

apresenta uma estrutura típica da área em que se inscreve, envolve táticas que enfatizam a escolha de estratégias individuais feitas pelo produtor para executar suas intenções. Essas táticas e estratégias exploradas pelo produtor do texto são usadas geralmente com o intuito de tornar o texto mais efetivo. As estratégias não são discriminativas e, por isso, estão associadas a convenções que regem um gênero com o propósito de tornar um texto mais eficaz e eficiente em um contexto sociocultural muito específico, considerando, nessa ordem, um receptor muito especial (Pinheiro, 2002:281-2).

Enquanto o cientista, ao apresentar sua pesquisa em meio a seus pares, realiza uma ação estruturada sob uma organização concebida de forma fixa numa seqüência que deve contemplar justificativas, objetivos, descrição de metodologia, resultados etc., o produtor da divulgação científica, no centro de um gênero midiático, terá de incorporar – sim – elementos da fonte (discurso da ciência), entretanto, mesclado com os elementos do discurso jornalístico, conforme indica Leibrunder (1999:230). Sendo assim, na adaptação do texto ao leitor de textos de divulgação científica, ocorrem diferentes opções linguístico-discursivas na busca de aproximar L do que está escrito e sendo divulgado, repercutindo, por conseguinte, em toda a configuração estratégica textual. Nesse interdiscurso, o caráter metalingüístico se apresenta e, sob o crivo da análise das recorrências das escolhas das vias e relações que se tem realizado, o uso da unidade informativa do Comentário tem um papel já persistente, que merece ser analisado.

2. A Avaliação e o Comentário como recursos de organização estratégica: Inicialmente, é necessária a definição das vias e das relações, visto que interessa à prática adotada pela pesquisa a noção de que as

estruturas das relações no texto refletem as opções de organização e de apresentação do produtor. Subjaz aqui o pressuposto de que o texto é uma organização estrutural e de que é possível descrever que tipos de partes e compõem e os princípios de organização dessas partes no texto como um todo (Giering, 2005:10).

As vias, apontadas por Bernárdez, são a Apresentativa (seqüência elaborada com o fim de proporcionar ao leitor informação que assegure tanto a compreensão quanto a aceitação do que o produtor informa); a Hipotática (seqüência que envolve enlaces semânticos de partes do texto, marcando-se uma informação nuclear – N – e outra secundária – S) e a via Paratática (seqüência também relativa a enlaces semânticos, na qual se marcam duas informações nucleares (N1 e N2), ou seja, a via das informações similares em termos de importância, conforme o fim discursivo do produtor). As relações são a forma como se concretizam as vias, ou seja, no caso do projeto em foco, segmentos macroestruturais e seqüências contíguas de texto reduzíveis a macroproposições que o configuram mediante o fim de divulgar a pesquisa científica.

A seguir, transcreve-se a tabela com a listagem de relações, utilizada para a análise dos textos. Enfatiza-se que os nomes em negrito são os acrescentados à tabela por ocasião do início do projeto ORTDC:

Vias de continuidade e relações*

Via Apresentativa	Via Hipotática	Via Paratática
<ul style="list-style-type: none"> • Antítese • Capacitação • Concessão • Evidência 	<ul style="list-style-type: none"> • Alternativa • Avaliação • Causalidade • Circunstância 	<ul style="list-style-type: none"> • Contraste • Lista • Reformulação Multinuclear • Seqüência

<ul style="list-style-type: none"> • Fundo • Justificativa • Motivação • Preparação • Reformulação • Resumo 	<ul style="list-style-type: none"> • Comentário • Condição • Elaboração • Interpretação • Método • Propósito • Solução 	<ul style="list-style-type: none"> • União
---	---	---

* De acordo com Mann e Thompson (1999) e Marcu (2001).

A legenda de trabalho, portanto, foi acrescida de novas relações retóricas estudadas por Lynn Carlson e Daniel Marcu (2001). A necessidade de refinamento e especificação de novas relações como instrumento da análise ocorreu em vista de as análises exigirem alternativas mais específicas que descrevessem com maior precisão os segmentos informativos que se elaboram na produção do artigo DC. É importante anotar que, durante a análise do texto de divulgação científica, os dados apontaram para o reconhecimento de unidades informacionais que não eram contempladas suficientemente pela legenda utilizada na análise do artigo de opinião autoral, focalizado em projeto já concluído, o O.R.T.O. (Organização Retórica de Textos de Opinião).

Assim, entre as relações integrantes da nova legenda, encontra-se a unidade informativa do Comentário, já reconhecida em 45 (quarenta e cinco) dos 63 (sessenta e três) textos até agora analisados. Essa relação, inserida no quadro de opções de continuidade a partir dos estudos de Carlson e Marcu (2001), caracteriza-se por ser constituída de um satélite contendo uma nota subjetiva sobre um segmento anterior de texto. Seu caráter subjetivo reside no fato de P efetuar uma escolha que traz ao artigo de divulgação uma perspectiva nova, ainda não explicitada em N. O que ocorre como efeito dessa relação e que acontece em N e S, é que L reconhece a nota ou observação apresentada como um comentário subjetivo de caráter novo, ainda não expresso em N.

Ainda é pertinente que se registre a unidade informacional do Comentário como um segmento textual não relacionado diretamente ao comentário crítico ou artigo de opinião, um gênero ou tipo de texto cuja função primeira é apresentar uma opinião de um jornalista a respeito de um determinado assunto. Assim, o Comentário de que aqui se trata é um segmento informativo, uma parte estrutural com função específica no todo textual.

Já a Avaliação, unidade informativa que ocorreu com frequência no *corpus* de artigos de opinião autoral do Projeto O.R.T.O. (Organização Retórica de Textos de Opinião), é um segmento informativo em que o núcleo (N) é uma situação, e o satélite (S) é um registro avaliativo sobre a situação. Nessa unidade, S refere-se a N, expressando um grau de atitude numa escala de bom a ruim. A Avaliação pode ser um ponto de vista do produtor ou de outro agente textual e, segundo dizem Carlson e Marcu (2001:57): “Uma avaliação pode ser uma estimativa, uma avaliação referente a valor, uma interpretação ou avaliação interpretativo-valorativa da situação”. Considera-se aqui a insistência no caráter valorativo que se destaca na definição desse segmento informacional.

O dado inicial de que o Comentário tem sido uma unidade informacional frequente em 45 dos 63 textos analisados do projeto que estuda os artigos de divulgação científica é estudado na próxima seção, por meio de um exemplo, seguido de uma descrição de como ele se insere na organização retórica desse tipo textual. Após, registra-se o mesmo processo de estudo com relação à presença da unidade informativa de Avaliação, visto que ela é constante e recorrente no artigo de opinião autoral, conforme já apontaram os resultados publicados do projeto O.R.T.O. Pretende-se, com esses procedimentos, alinhar algumas conclusões parciais que confirmam a organização retórica de um dado tipo de texto, com um determinado fim discursivo, sempre articulada com uma estratégia que singulariza tal tipo num contexto de prototipicidade.

3. As relações de Comentário e de Avaliação – contexto do gênero:

(1) Araucária resiste à fragmentação de floresta, revela análise de DNA

(2) Como ecossistema, a situação da mata de araucárias da região Sul do Brasil é indiscutivelmente calamitosa. (3) Mas um estudo feito por uma pesquisadora brasileira na Universidade de Reading (Reino Unido) sugere que a árvore-símbolo da mata consegue manter parte de sua diversidade genética mesmo quando é isolada em bolsões de poucos indivíduos.

(4) A agrônoma paranaense Juliana Bittencourt, 31, estudou o DNA das sementes de araucária (*Araucária angustifolia*) em três situações. (5) Na primeira, as árvores faziam parte de

um grande fragmento de mata, com cerca de 4.000 hectares, numa reserva indígena. (6) Na segunda, estavam em pequenos fragmentos, de poucas dezenas de hectares. (7) E, na ponta mais modesta do espectro, plantas que estavam em “ilhas” de quatro ou cinco indivíduos, ou mesmo de uma árvore só.

(8) Aliás, o que o estudo parece ter demonstrado é que esse isolamento completo pode ser ilusório. (9) Por meio dos chamados microssatélites, regiões repetitivas das “letras” químicas do DNA que variam de forma clara de um indivíduo para outro, Bittencourt pôde realizar uma bateria de “testes de paternidade” para as sementes. (10) E descobriu que, em 75% dos casos, as árvores isoladas estavam “tendo filhos” com plantas a quilômetros de distância.

(11) Isso é possível porque o pólen das araucárias viaja pelo vento. (12) “Embora elas não estejam ligadas fisicamente, existe uma conectividade funcional entre elas”, disse a pesquisadora à Folha. (13) Ela chegou a flagrar casos em que o pólen cruzou cinco quilômetros.

(14) O achado é importante porque o grande temor em relação às espécies que habitam uma paisagem retalhada é a perda de diversidade genética, já que só seriam capazes de se reproduzir dentro de um espaço exíguo, com parentes próximos. (15) As araucárias, por enquanto, parecem estar escapando desse destino. (RJL)

Do enviado a Curitiba.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2703200602.htm>

Acesso em 03/05/06

Inicialmente, o segmento (1) apresenta teor resumitivo, sendo a unidade informativa nuclear (N) de um Fundo, dado que o satélite (S) é a unidade informativa composta por (2) e (3) – que visa a facilitar a compreensão do segmento inicial, neste caso, o título.

Observando a organização do texto, é verossímil afirmar que, entre (2) e (3), localiza-se uma nova unidade nuclear, dando conta da situação calamitosa, como ecossistema, das matas de araucária da Região Sul do Brasil. No entanto, conforme o estudo realizado por uma brasileira no Reino Unido, há indícios de que essa árvore-símbolo da mata consegue manter parte de sua diversidade genética, apesar de isolada em bolsões de poucos indivíduos. A essa nuclearidade, P acrescenta, de (4) a (13), a descrição da metodologia que a pesquisadora empregou, a demonstração de que o isolamento pode ser ilusório, o que foi detectado pelos “testes de paternidade” para as sementes, os quais comprovaram, em 75% dos casos, que essas árvores estavam “tendo filhos” com plantas a quilômetros de distância. O produtor (P) finaliza a exposição da metodologia e dos resultados obtidos, citando que essa possibilidade reside no fato de que o pólen das araucárias viaja pelo vento, denotando uma “conectividade funcional”. Toda essa unidade informativa é uma Elaboração, visto que, à informação básica de (2) e (3), são adicionadas informações, detalhando a situação, método e resultados do estudo. Em outras palavras, o leitor do artigo pode perceber em S – de (4) a (13) – detalhes adicionais providenciados por P para que L possa entender N.

No segmento que se constrói com (14) e (15), ocorre uma unidade relacional de Comentário, pois se constitui um Satélite de tudo que foi organizado textualmente de (2) a (13), à medida que é uma observação nova, articulada aos segmentos anteriores, que formam o núcleo. Assim, quando P comenta a importância do achado entre os pesquisadores e também para todos que habitam regiões ameaçadas em seus ecossistemas, faz uso dessa opção de continuidade e estabelece o fechamento que marca a relevância da pesquisa de Juliana Bittencourt. Conclui o artigo – cujo fim discursivo é divulgar a importância da pesquisa que revela que as araucárias conseguem manter parte de sua diversidade genética, mesmo estando isoladas em bolsões de poucos indivíduos – com uma frase que é um típico comentário, por não ser de cunho valorativo e interpretativo, mas, de fato, um produto da observação, por P, do que a pesquisa comprova: “As araucárias, por enquanto, parecem estar escapando desse destino” (período 15).

A seguir, o texto 2 é transcrito, como exemplo de artigo de opinião autoral, a fim de ilustrar a presença e a função do segmento informativo de Avaliação, para ser estabelecida uma comparação com o segmento Comentário, acima analisado no artigo de divulgação científica.

A perda da noção de limite

Percival Puggina

(1) Estou certo de que o leitor concordará com o enunciado: não é condição de “normalidade” de uma ação humana o fato de ela estar sendo praticada por muitos, pela maioria ou por todos. (2) A normalidade de uma ação está condicionada à sua adequação a uma norma. (3) Todos podem estar desrespeitando sinais de trânsito e nem por isso as infrações se tornam “normais”. (4) “Comum” e “freqüente” não são sinônimos de “normal”.

(5) O fato de ser muito difícil aos jovens não reproduzir a conduta do grupo em que está inserido (numa estranha conformidade rebelde ou numa rebeldia conformada), associado ao fato

de muitos adultos reproduzirem os modos juvenis (numa ridícula cirurgia plástica do modo de agir), multiplicou, nas últimas décadas, os problemas de comportamento e suas conseqüências sociais. (6) “É proibido proibir!” se constitui na expressão síntese de um critério segundo o qual toda tentativa de estabelecer limites é vista como repressiva. (7) Nada é abusivo exceto a restrição aos abusos. (8) Apenas as empresas e as instituições militares parecem restar como locais onde a autoridade ainda se permite estabelecer limites com razoável possibilidade de ser atendida.

(9) As conseqüências dessa gandaia podem ser contempladas no âmbito familiar, nas escolas, nos locais de lazer, nos parlamentos, nas ruas e na criminalidade. (10) Um exemplo disso foi dado durante o 3º FSM, na ocasião em que a autoridade policial presente ao enfumaçado acampamento da juventude impediu uma mocinha de se banhar despida nos chuveiros instalados ao ar livre. (11) Os vários protestos culminaram com um desfile de pelados no qual os novos esquerdistas exibiram seus escassos argumentos. (12) Outro exemplo se expressa nas tentativas de desqualificar a política de segurança pública do novo governo estadual com o intuito de preservar critérios que entregaram o controle da situação aos bandidos. **(13) Segundo essa política frouxa: a) o cidadão bandido que causou a morte cerebral de um jovem à força de coronhadas é credor de toda cortesia do cidadão policial e b) ao crime tudo se permite e à lei tudo é proibido.**

(14) Responda para si mesmo: em que posição do arco ideológico se situa quem pensa assim? (15) Ah, pois é.

(Correio do Povo, 13/02/02, p. 4, on line)

O artigo de opinião, um dos 150 focalizados pela pesquisa do O.R.T.O. (Organização Retórica de Textos de Opinião), apresenta as seguintes unidades informacionais. De (1) a (5), há uma Preparação, segmento que visa a situar L na leitura do artigo. É indicado o fato de que é muito difícil aos jovens não reproduzirem a conduta do grupo em que se inserem, associado ao fato de muitos adultos apresentarem modos juvenis, multiplicando-se, assim, nas últimas décadas, problemas de comportamento e suas conseqüências sociais.

Na seqüência do texto, de (6) a (8), há o elemento nuclear do artigo de opinião, indicando que toda a atitude que busca estabelecer limites é vista como repressiva. É escrito que nada é abusivo, exceto restringir abusos, o que aparece sintetizado na frase “É proibido proibir!...” (período 6).

Já de (9) a (12), P apresenta as provas de sua afirmação, ou seja, há um segmento satélite de Evidência, no qual exemplos de abusos são enumerados, demonstrando que a opinião expressa por P tem fundamentos sólidos. A ação de evidenciar tem caráter demonstrativo. Assim, a *gandaia* contemplada nos ambientes familiares, escolares, de lazer, das ruas etc e a desqualificação da política de segurança pública são exemplos/provas incontestáveis de que a opinião expressa é válida.

Em (13) a (15), P caracteriza a política como *frouxa* e relaciona-a à *cortesia* policial dispensada ao assassino de um jovem. Remete a essa atitude frouxa o fato de que ao crime tudo se permite. Finalmente, num ato de fala questionador direto, pois faz uma pergunta diretamente a L, P interroga sobre em que posição do arco ideológico se encontra quem pensa assim. A pergunta retórica, visando ao assentimento mais do que a uma resposta, tem uma observação de concordância do próprio produtor cuja voz é presente e crítica ao extremo: “Ah, pois é.” (período 15).

Diante de uma situação (N), P realiza uma observação avaliativa (S). Em outras palavras, na unidade informativa de Avaliação, N é uma situação e S a ela se refere, expressando grau de atitude, juízo de valor. O efeito desse segmento avaliativo e o de que L poderá reconhecer a situação apresentada em S; há, por conseguinte, uma avaliação da situação em N, o que possibilita a L o reconhecimento do valor atribuído.

4. Conclusões e Considerações Finais: Em primeiro lugar, é relevante estabelecer que, enquanto no tipo artigo de opinião autoral o segmento informativo de Avaliação dava conta de um **posicionamento de valor**, pode-se dizer até, de uma atitude de P diante de uma situação ou afirmação, no artigo de divulgação científica, a unidade relacional do Comentário desempenha função estreitamente ligada à origem e aos fins, na esfera da mídia, mas no âmbito do **expor** ou do **divulgar**. Enquanto o artigo de opinião autoral se ocupa da crítica e assesta sua ação argumentativa com vistas ao fazer-creer, devendo arregimentar essencialmente unidades informativas que se orientem a construção de juízos de valor, o artigo DC ocupa-se com fabricar uma exposição de estudos ou pesquisas realizadas, dirigidas ao fazer-saber. Nessa perspectiva, lembra-se o que diz Van Dijk (1996):

La tesis clave de este capítulo es que la producción de noticias debe analizarse principalmente em términos del procesamiento del texto. (...) La expresión también implica que la maior parte de la información *utilizada* para escribir um texto ingresa em forma discursiva: los reportages, las

declaraciones, las entrevistas, las reuniones, las conferencias de prensa, otros mensajes de los médios (...) Em realidad, ya hemos observado que los periodistas rara vez observan directamente los acontecimientos. Los acontecimientos, por lo general, llegan a conocerse a través de los discursos ya codificados e interpretados de otros, y de manera mas relevante a través de los despachos de las agencias informativas. (...) Este procesamiento de una gran cantidad de texto y habla em forma de *input* es lo que yace en el centro de la producción del discurso periodístico. (Van Dijk, 1996:141-2)

Em palavras mais simples, ao considerar-se que a matéria-prima que é usada na composição do artigo divulgação científica são as informações que vêm de outros produtores, no caso, de pesquisas, podemos, de imediato, identificar o objetivo informativo que permeia o gênero. Assim, todos os recursos de que lançar mão o produtor do artigo DC consistem na permanente busca de informação a ser dirigida ao público que se interessa por temas científicos. A essa perspectiva informativa, alia-se o caráter midiático, o que implica a necessidade de acrescer à elaboração textual determinadas instruções discursivas (Charaudeau, 2006) tais como a narração e a dramatização. Nesse viés, o Comentário, que traz ao texto uma nota subjetiva muitas vezes caracterizada, segundo indicam os textos já analisados, pela presença da fala de outros pesquisadores sobre o tema focalizado num artigo DC ou por prognósticos a respeito dos rumos que a pesquisa relatada pode vir a ter, é um recurso adequado ao objetivo da cativar o leitor da revista ou do jornal em que o artigo é publicado.

Para serem estabelecidas as diferenças necessárias, retomam-se as características enumeradas no estudo das relações de Avaliação (Mann, 1999) e Comentário (Carlson e Marcu, 2001). Na Avaliação, o viés valorativo que S atribui a uma situação em N constitui a essência do segmento informativo. Já no Comentário, essa visão de juízo de valor em escala de bom a ruim não ocorre, pois apenas se mostra uma perspectiva nova do que se apresentou em N. No texto DC constante neste artigo, a pesquisa divulgada foi comentada, no sentido de que P apresenta uma nota a mais, vinculada ao tema nuclear. No texto das araucárias, o produtor retoma a pesquisa feita por Juliana B. e ressalta que os resultados de fato apontam para a provável salvação das araucárias do destino de perda da diversidade genética. Esse segmento de Comentário é uma observação da escolha de P, numa perspectiva ainda não explicitada em N.

Retomando a concepção de retórica que se postula (Mann et al., 1992), as escolhas feitas pelos articulistas do artigo de opinião autoral e do artigo de divulgação científica, respectivamente, refletem estratégias ligadas aos fins que cada texto objetiva.

Ao reiterar que o texto é uma organização ou sistema estrutural em que é possível descrever as partes e os princípios de organização desses elementos no todo, podem ser já pontuadas parciais, mas relevantes conclusões do trabalho do O.R.T.D.C.

A primeira é que a escolha das formas de continuidade textual de um dado tipo textual pode ser característica deste. Por essa razão, ao utilizar a Avaliação, o produtor do artigo de opinião autoral concentra-se no macroato de **opinar**, ou seja, sua escolha – assim como a da Evidência que em segmento anterior funda demonstrativamente sua crença e seu juízo valorativo – tem estreita relação com a ação *fazer-crer*. Apresentar a crítica determina o conjunto de opções de continuidade estrategicamente alinhadas a esse *fazer-crer*.

No entanto, ao compor o artigo DC, o produtor organiza sua estratégia na direção do **informar**. A observação e análise atentas dos 63 artigos já estudados, dos quais 45 apresentam alguma forma de Comentário, mostram essa unidade informacional expressa textualmente como referências a pesquisas anteriores, como uma ilustração nova de um fato mostrado no texto ou como o registro de local de publicação da pesquisa ou indicações da relevância dessa. Comparadas as duas funções dos segmentos de Avaliação e de Comentário, pode-se perceber uma diferença cada vez mais nítida, freqüentemente associada ao fim discursivo de cada tipo de texto.

Quando Bernárdez (1995) alerta que a construção de um tipo de texto pode estar, de certa forma, automatizada e que essa estruturação pode contemplar probabilidades prototípicas, reafirma-se a visão de texto como ação. Por isso, de um lado, na perspectiva da ação de *fazer-crer*, serve a P o segmento informacional de Avaliação, com sua carga expressiva de julgamento, de atitude perante o fato apresentado. De outro, a visão do texto como ação do *fazer-saber* a pesquisa e a importância da pesquisa não é formulada a partir da opinião e julgamento de P, mas é informada com base na relevância do trabalho divulgado, mediante a preocupação corrente em relação ao ecossistema das matas de araucárias do Sul, como no artigo DC anteriormente analisado.

Nesse texto ilustrativo, o segmento relacional de Comentário sobre a descoberta a respeito das araucárias cumpre o papel informativo de divulgação. O artigo de divulgação da pesquisa é escrito de forma a também informar, além do estudo propriamente dito, a relevância da pesquisa para o leitor do artigo DC. Esse leitor não discutirá a “verdade” do que é apresentado, ao contrário do leitor do artigo de opinião, que pode concordar ou não com a crítica expressa; ou de um cientista de uma determinada área que, ao ler um artigo científico sobre um tema, pode contrapor-se à demonstração-argumentação tão peculiar à ação comunicativa propriamente científica.

Finalmente, pode-se anotar que, pelo menos pelos dados e resultados parciais do projeto O.R.T.D.C. até o presente momento, a unidade informativa relacional pode ser parte de um quadro de prototipicidade de um dado gênero. Essa hipótese de estudo é consolidada tanto pelo uso do segmento satélite de Avaliação, no artigo de opinião autoral quanto pelo emprego do satélite de Comentário, no artigo DC. O primeiro serve ao fazer-criar e o segundo, ao fazer-saber, fins que direcionam as escolhas do produtor ao construir, elaborar ou compor seu texto.

RESUMO: Este artigo apresenta a escolha das unidades informativas de Comentário e Avaliação como prototípicas dos tipos textuais Artigo de Divulgação Científica e Artigo de Opinião Autoral, respectivamente. Demonstra-se isso mediante a relação dessas opções com os fins discursivos de fazer-criar e fazer-saber, característicos de cada tipo textual analisado.

PALAVRAS-CHAVE: Comentário; Avaliação; unidade informativa; fazer-criar; fazer-saber

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAUCÁRIA resiste à fragmentação de floresta, revela análise de DNA. Disponível <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2703200602.htm>> Acesso em: 3 maio 2006.
- BERNÁRDEZ, Enrique. *Teoría y epistemología del texto*. Madrid: Cátedra, 1995. 238p.
- CARLSON, Lynn; MARCU, Daniel. *Discourse tagging reference manual*. Disponível em: <<nfs/isd/marcu/tagging-ref-manual2.mif>>. Acesso em: 11 de set. 2001.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- GIERING, Maria Eduarda. *Organização retórica de textos de divulgação científica (O.R.T.O.D.C.)*. São Leopoldo: UNISINOS. Projeto de Pesquisa.
- LEIBRUDER, Ana Paula. O discurso de divulgação científica. In: *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. Helena Nagamine Brandão (coord). 3.ed. São Paulo: Cortez, 1999. p. 229-53.
- LOPES, César V. Machado; DULAC, Elaine B. Ferreira. Idéias e palavras na/da ciência ou leitura e escrita: o que a ciência tem a ver com isso? In: *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. Iara Conceição Bitencourt Neves; Jusamara Vieira Souza et al. (orgs) 2.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999. p. 35-42.
- MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. *Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization*. Text 8 (3). 1988, p. 243-281.
- MANN, William C. *Introducción a la Teoría de la Estructura Retórica (Rhetorical Structure Theory: RST)*. Disponível em: <<http://www.sfu.ca/rst/08spanish/introduccion.html>>. Acesso em: set. 2000.
- MANN, William. *Introducción a la teoría de la estructura retórica (Rhetorical Structure Theory:RST)* [1999] Disponível em: <<http://www.sil.org/~mannb/rst/spintro.htm>> Acesso em: 02 abr. 2004.
- MANN, William C.; THOMPSON, Sandra A. Rhetorical structure theory and text analysis. *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. USA: John Benjamins Publishing Company Amsterdam/Philadelphia, 1992. p. 39-78.
- PINHEIRO, Najara Ferrari. A noção de gênero para análise de textos midiáticos. In: *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. José Luiz Meurer e Désirée Motta-Roth (orgs). Bauru: EDUSC, 2002. p. 259-90.
- PUGGINA, Percival. A perda da noção de limite. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 13 fev. 2002. p. 4, *on line*.